

**A ESQUERDA COMO INIMIGO A SER COMBATIDO: O CURSO "O CRISTÃO E A POLÍTICA"
COMO ARMA DA LUTA CONTRA O MARXISMO CULTURAL**

***THE LEFT AS AN ENEMY TO BE ATTACKED: THE COURSE "THE CHRISTIAN AND POLITICS" AS
A WEAPON IN THE FIGHT AGAINST CULTURAL MARXISM***

Fernanda Barros - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT),
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Paulo César Castro - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT),
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Marcia Azen - Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia (IBICT),
Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ)

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O objetivo principal deste artigo é caracterizar a lógica da produção discursiva do “inimigo” pela extrema direita brasileira, tendo como estudo de caso o livro e o curso on-line “O Cristão e a Política”, do deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG), avaliando-os por meio da Análise de Conteúdo e da Análise Crítica do Discurso. Antes, aborda o libertarianismo, o fundamentalismo religioso, principalmente praticado pelas igrejas neopentecostais, e o anticomunismo como alicerces da extrema direita brasileira. É sob estes três princípios que os conteúdos do parlamentar bolsonarista são construídos para sua audiência, convocada a partir de um vasto conjunto de significantes do campo semântico belicista para uma luta contra os “inimigos dos assim chamados valores cristãos”.

Palavras-chave: extrema direita; fundamentalismo religioso; libertarianismo; anticomunismo; Nikolas Ferreira.

Abstract: The main objective of this article is to characterize the logic of the discursive production of the “enemy” by the Brazilian extreme right, using as a case study the book and online course “The Christian and Politics”, by federal deputy Nikolas Ferreira (PL- MG), evaluating them through Content Analysis and Critical Discourse Analysis. Rather, it addresses libertarianism, religious fundamentalism, mainly practiced by neo-Pentecostal churches, and anti-communism as the foundations of the Brazilian extreme right. It is under these three principles that the contents of the Bolsonaro parliamentarian are constructed for his audience, summoned from a vast set of signifiers from the warmongering semantic field for a fight against the “enemies of so-called Christian values”.

Keywords: far-right; religious fundamentalism; libertarianism; anti-communism; Nikolas Ferreira.

1 INTRODUÇÃO

As Jornadas de Junho (2013) tornaram-se um marco no cenário político como ponto de partida para o entendimento do deslocamento e da consolidação da extrema direita no

Brasil. Durante as manifestações, diversos setores antagônicos dividiram o mesmo palco de reivindicações, contrárias ao aumento das tarifas de transporte público, à precarização salarial e do mercado de trabalho, à violência policial, ao mau gasto de dinheiro público e à corrupção. O sentimento de indignação e insatisfação era geral. Os impactos desse movimento podem ser visualizados pela ruptura radical entre esquerda e direita em suas próprias causas, ocasionando um sentimento antipetista (a possibilidade de derrubar o Partido dos Trabalhadores – PT, que governava o Brasil havia cerca de 13,5 anos, de 2003 a agosto de 2016). Somado a isso, a Operação Lava Jato (2014), o *impeachment* de Dilma (2016), a prisão de Lula (2018) e a posterior vitória de Jair Bolsonaro à Presidência da República (2018) dividiram o país em “dois lados” polarizados.

Nesse ínterim político, ressurgiu a ideia da “ameaça comunista”, explorada pelo ex-presidente Bolsonaro durante seu governo (2019-2022) e, principalmente, durante as duas campanhas eleitorais de que participou. A evocação ao “perigo vermelho”, aliás, é recorrente em diferentes momentos da República, como justificativa para o golpe de Estado liderado por Getúlio Vargas em 1937 e para o golpe militar de 1964. A imagem desse antigo e constante inimigo que destruirá a nação volta à cena, com o propósito de produzir novas subjetividades¹ antagônicas como estratégia de dominação e controle social. Importante destacar que, para haver subjetividade, é necessário existir um aparato cultural que lhe sirva de guia. Deste modo, vários atores sociais vêm à tona para reconstruir as estruturas da organização social, política e econômica do país que estaria sob ameaça do marxismo cultural/guerra cultural (associados à esquerda partidária). Nessa fusão de mentes extremistas e conservadoras, alinhadas principalmente pelas ideias do “mentor” intelectual Olavo de Carvalho, há os parlamentares da extrema direita e, vistos equivocadamente de modo generalizado, os neopentecostais, os militares e os neoliberais.

Sendo assim, o objetivo principal deste artigo é caracterizar, via análise de conteúdo (Bardin, 2016) e análise crítica do discurso (Fairclough, 2001), as estratégias discursivas da “produção do inimigo” a partir do projeto pedagógico do deputado federal Nikolas Ferreira (PL-MG) presente no livro e no curso online “O Cristão e a Política”.

Nas partes que seguem, o texto começa com a contextualização dos três alicerces que compõem a extrema direita a partir da visão de Miguel (2018). Através de Pereira

1 Neste artigo a concepção de “sujeito” se refere ao sujeito pós-moderno. Este não possui uma identidade fixa, essencial ou permanente. A identidade é construída e transformada continuamente em relação às formas pelas quais os indivíduos são representados ou interpelados nos sistemas culturais que os rodeiam. O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um “eu” coerente. (Hall, 2006, p. 12-13)

(2023), busca analisar a relação entre religião (neopentecostais) e a política pela hermenêutica da Teologia do Domínio (TD). Em seguida, apresenta o perfil político-religioso de Nikolas Ferreira, em sua missão religiosa contra o marxismo cultural, e a análise do livro e do curso online. Do conteúdo em vídeo, totalizando 11 módulos, serão explorados para fins deste artigo somente os três primeiros, *Módulo 1 – Introdução*, *Módulo 2 – Estamos em Guerra* e o *Módulo 3 – Entendendo o Inimigo*, devido ao limite de páginas a ser cumprido e também à exaustividade de análise que este objeto, com suas mais de nove horas, demandaria.

2 OS TRÊS ALICERCES DA EXTREMA DIREITA BRASILEIRA

Nos últimos 10 anos o Brasil vivenciou intensa instabilidade política, ambiente propício para que afetos negativos como medo, ojeriza, indignação e desconfiança fossem semeados, resultando no resgate de ideias alinhadas com o que alguns autores chamam de “extrema direita contemporânea” (Teitelbaum, 2020) ou “direita radical populista” (Mudde; Dias; Silva, 2021). Em sua configuração nacional, nascida principalmente depois das Jornadas de Junho de 2013, este espectro da política teve como principal expoente o então deputado federal Jair Bolsonaro, em torno do qual passou a orbitar, e até a tirar proveitos eleitorais, um grupo de expoentes do Legislativo e do Executivo. Mas uma parte da população também endossou o lema “Deus, Pátria, Família”² entoado pelo ex-capitão do Exército quando ele disputou a presidência da República em 2018.

Bolsonaro foi eleito com um discurso *anti-establishment*, mesmo depois de quase 30 anos de vida parlamentar, em uma disputa acirrada com o candidato do PT, Fernando Haddad. O pleito foi marcado por desinformação massiva nas redes sociais online, através das quais foram explorados pânico morais (Cohen, 2011)³, sentimentos nacionalistas, pautas anticorrupção, politização das forças militares, defesa da agenda neoliberal e o apoio de lideranças evangélicas. E não menos importante, foi recuperado “um antigo inimigo a ser combatido”: o comunismo.

Apesar de não ter sido reconduzido à Presidência em 2022, Bolsonaro teve papel decisivo na eleição das maiores bancadas da Câmara dos Deputados e do Senado e o bolsonarismo segue firme como a expressão atual da extrema direita. Na visão de Miguel

2 O histórico da extrema direita no Brasil começa com a Ação Integralista Brasileira (AIB), movimento político fundado em 1932 sob o lema “Deus, pátria e família” e cujas fontes de inspiração eram o fascismo de Mussolini e a Doutrina Social da Igreja Católica.

3 O autor explica que, diante de um problema social, certos grupos de interesse o dramatizam, inclusive através da mídia, a ponto de levar à polarização social e ao agravamento do conflito.

(2018, p. 16), é possível entender os segmentos extremistas da realidade brasileira a partir de três aspectos: o libertarianismo, o fundamentalismo religioso e o anticomunismo.

O primeiro tem por fundamento a liberdade pautada pela ausência da interferência do Estado, expressão da preocupação muito mais com a livre concorrência de mercado do que com outras liberdades individuais. É descendente da Escola Austríaca de Economia, da qual seus mais famosos representantes são Ludwig von Mises e Friedrich Hayek, simbolizando uma nova vertente do liberalismo econômico, o neoliberalismo. Os intelectuais de Viena defendiam a ideia de um Estado mínimo, em que não fosse concedido tanto poder a esta entidade, pois as melhores decisões só poderiam acontecer de maneira descentralizada, dentro de um livre mercado.

O segundo é o fundamentalismo religioso⁴, que busca, a partir dos anos 1990, se consolidar também como uma força política no Brasil. Tal movimento é caracterizado pelo investimento, por parte das igrejas neopentecostais⁵, na eleição de seus pastores a postos inicialmente no Legislativo. Na sua dimensão religiosa, o fundamentalismo se evidencia pela ideia de uma verdade revelada através da cosmovisão cristã que anula qualquer possibilidade de debate. O conhecimento verdadeiro está na religião, numa motivação espiritual, e a Bíblia é o ponto de referência social para o entendimento da vida e suas relações (como será visto no livro e no curso de Nikolas Ferreira), pois somente através dela se conhece Deus, na palavra encarnada (informação verbal)⁶. Esta visão se contrapõe a uma perspectiva materialista interdisciplinar, em que a explicação da realidade só é possível através da concretude material, com análise de fenômenos históricos, sociais e mentais.

2.1 Teologia do domínio: o nexos das retóricas religiosa (neopentecostais) e política

A presença dos cristãos na política, entretanto, não é um acontecimento novo. A colonização do Brasil foi realizada sob vasta catequização da Igreja Católica, e o país permaneceu católico oficialmente até a República, em 1889. Neste mesmo período, os

4 Importante destacar que fundamentalismo religioso é diferente de neopentecostalismo, pois há outros segmentos religiosos que zelam pelo fundamentalismo religioso, mas não se relacionam com os dogmas do neopentecostalismo. Sendo assim, a presente pesquisa usa o termo fundamentalista para se referir a uma parcela de grupos cristãos neopentecostais de caráter reativo a iniciativas políticas na sociedade. (Machado, 2020)

5 O neopentecostalismo foi um termo criado nos anos 1990 pelo sociólogo Ricardo Mariano para referir-se a igrejas que enfatizam o tema da prosperidade, que, entre outras características (como a oferta de curas, o afastamento do “mundo” e o ascetismo), é explorado sob as lógicas do espetáculo e do midiático (Cunha, 2023).

6 Fala proferida pelo pesquisador e teólogo André Anéas, Aula aberta: Quem são os “terrivelmente evangélicos”? De onde vêm, como se comportam e o que pensam, Labô, em 28 jun. 2023.

protestantes representavam uma pequena parcela na sociedade, quando ainda prevalecia uma mentalidade de fazer proselitismo sem se envolver com questões políticas. As lutas políticas eram vistas como “sujas” e “indignas” dos “verdadeiros crentes”, daí a demora dos protestantes em participar do jogo político-partidário no Brasil (Campos, 2002).

Segundo Pereira (2023), o que chamou a atenção de diversos observadores, na atualidade, não foi a simples presença de evangélicos⁷ na política, mas o alinhamento das principais lideranças e corporações evangélicas ao governo de extrema direita de Bolsonaro. Até a chegada dele ao principal posto do Executivo, nenhum político conseguiu a proeza de cooptar tão bem o voto desse segmento. Com a finalidade de entender a aproximação das retóricas religiosa (evangélica) e política, a teologia do domínio⁸ (TD) é outra boa escolha interpretativa, sem ter a intenção de esgotar o fenômeno. As principais características da TD são: nacionalismo (“neofascismo”), supremacia cristã e “teonomia” (as leis civis devem refletir as leis de Deus).

É importante destacar que a TD possui uma característica “teológico/eclesial” em que igrejas como a Batista da Lagoinha e instituições como a Jocum (Jovens Com Uma Missão) se configuraram como principais propagadoras da doutrina dos “sete montes”. Esta refere-se às sete esferas estratégicas que os cristãos devem influenciar e dominar na sociedade: família, religião, educação, mídia, lazer, negócios e governo. Para fins do presente trabalho, destacam-se as esferas da mídia e do governo: - **Midiático**: refere-se, em si mesmo, a uma esfera de poder a ser conquistada — as mídias. O ponto de virada foi a compra da TV Record pela Igreja Universal do Reino de Deus, em 1989. A propósito, Edir Macedo tem-se mostrado o mais ambicioso líder evangélico, como consta no seu livro *Plano de Poder* (2008), de inspiração explicitamente dominionista. A militância de pastores midiáticos, como Silas Malafaia, R.R. Soares e o casal Sônia e Estevam Hernandes, cada um a seu modo, e tantos outros pastores nas redes sociais, potencializa as ambições políticas das grandes corporações evangélicas. (Pereira, 2023); - **Governo**: refere-se à famosa bancada evangélica (ou da Bíblia), formada desde o governo Sarney, ao longo dos anos, mas agora já

7 O sentido dialético dos termos 'lideranças evangélicas' e 'evangélico' na presente pesquisa se refere ao advento neopentecostal a partir de abordagens teóricas mais contemporâneas, partindo de 1991 - fundação da Associação Evangélica Brasileira (AEVB), idealizada pelo Reverendo Caio Fábio - até o contexto de ascensão e organização do bolsonarismo. Segundo Oliveira (2023), a eleição de Bolsonaro se mostra como índice de um processo sócio-religioso que, ao que tudo indica, teria se iniciado a partir da neopentecostalização dos evangélicos no Brasil. (Oliveira, 2023)

8 A teologia do domínio está associada a termos como o 'reconstrucionismo' e 'dominionismo'. Historicamente, a TD originou-se no presbiterianismo estadunidense com o objetivo de que os cristãos reconstruíssem a sociedade a partir de uma educação cristã, visando formar líderes e pessoas influentes em todas as áreas estratégicas da sociedade.

bem amadurecida no jogo político, capaz de aliar-se a diferentes governos, transitando facilmente da situação à oposição, como qualquer partido da velha política brasileira. (Pereira, 2023)

Diante dessas duas esferas estratégicas, é possível perceber o *modus operandi* do parlamentar Nikolas Ferreira (PL) na defesa de um fundamentalismo religioso que flerta intensamente com a produção do “inimigo” da pátria: o comunismo.

Voltando à categorização de Miguel (2018), a extrema direita brasileira busca se afirmar no imaginário do anticomunismo, que ganha forma através do sentimento contra o PT (tomado como símbolo maior do comunismo no Brasil, principalmente quando associado ao “bolivarianismo” venezuelano). Está presente também nos discursos dos fundamentalistas religiosos porque seria o responsável pela destruição dos valores e princípios cristãos e da cultura ocidental, imbricação que é detectada pelo autor (Miguel, 2018, posição 241) ao dizer que “as três correntes não são estanques. Há um caminho, em particular, de fusão do anticomunismo com o reacionarismo moral [...]”.

Mas o extremismo tem sua expressão sustentada ainda no Tradicionalismo, movimento internacional que tem Olavo de Carvalho (“grande ‘teórico’ do regime de Bolsonaro”), Steve Bannon (estrategista-chefe da primeira campanha de Donald Trump e nome por trás do escândalo da Cambridge Analytica) e Aleksandr Dugin (mentor da geopolítica de Vladimir Putin) como seus representantes mais proeminentes (Teitelbaum, 2020). O Tradicionalismo, como doutrina que possui uma concepção mística do mundo, recusa a modernidade em prol de uma perspectiva teológica, denunciando que o verdadeiro conhecimento da religião foi perdido e levou à secularização e massificação do mundo. Portanto, seria necessário um cataclismo para restaurar a ordem social.

Para Teitelbaum (2020), o Tradicionalismo é o nexos que pode explicar o repertório reacionário. Na visão de Olavo de Carvalho, a luta política entre projetos e visões de mundo distorce a produção de consensos por trás do funcionamento da sociedade. Isso se dá por meio da manipulação de mentes, que ele chama de “marxismo cultural” ou “guerra cultural”, cujos princípios foram formulados pelos teóricos da Escola de Frankfurt: “[...] apagar da mentalidade popular, e sobretudo do fundo inconsciente do senso comum, toda a herança moral e cultural da humanidade” (Carvalho, 2014). Esse tipo de pensamento é reproduzido por parlamentares da extrema direita, a exemplo de Nikolas Ferreira (PL). Nessa perspectiva, a dissolução da moral sexual convencional e da estrutura familiar tradicional devem ser combatidas para frear qualquer iniciativa de redução de desigualdades de gênero.

Nas mídias sociais, isso se evidencia nas manifestações contrárias à “ditadura gayzista”, kit gay, sexualização infantil, feminismo, racismo ou qualquer pauta da agenda progressista.

3 PARA A GUERRA DE NIKOLAS CONTRA A ESQUERDA, MUITAS FRENTES DE BATALHA

Nikolas Ferreira de Oliveira nasceu em Belo Horizonte, em 1996. É bacharel em direito pela PUC Minas, atualmente filiado ao Partido Liberal (PL) e foi o deputado federal mais votado do país nas eleições de 2022 e o mais votado da história de Minas Gerais, com 1.492.047 votos. Antes disso, havia sido o segundo vereador mais votado da capital mineira em 2020, quando concorreu pelo PRTB. Sua trajetória pública, construída essencialmente nas plataformas de mídias sociais, com publicações voltadas para o público jovem evangélico, e declarado apoio ao ex-presidente Jair Bolsonaro, inclui vídeos de humor, declarações anti-vacina e condutas transfóbicas investigadas pelo Ministério Público de Minas Gerais.

Com mais de 3,5 milhões de seguidores no Instagram e 2 milhões no TikTok, Nikolas é um macro-influenciador, porta-voz do ativismo conservador evangélico. Poderia também receber a alcunha de *engenheiro do caos* (Da Empoli, 2019), já que cresce nas redes em função da mobilização de emoções negativas, principalmente ódio e medo. O político investe na produção de conteúdo em diferentes frentes e mídias: do livro *O Cristão e a Política: Descubra Como Vencer a Guerra Cultural*, publicado em 2022, vieram várias palestras em igrejas que renderam muitas publicações nas redes digitais⁹. Desse título também nasceu o curso aqui analisado, disponibilizado (como conteúdo pago) na plataforma digital “Destra” (soudestra.com), fundada em setembro de 2022 pelo próprio Nikolas e outros quatro sócios.

Os conteúdos foram avaliados com a Análise de Conteúdo, que viabiliza, "por procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não)", deduções sobre as "condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens" (Bardin, 2016, p. 48). Também foi utilizada a Análise Crítica do Discurso (Fairclough, 2001), que compreende a linguagem como prática social constituinte/constitutiva dos sujeitos.

Na primeira parte do guia impresso do curso *O Cristão e a Política*, Nikolas se apresenta como filho de um pastor e afirma que no lar foi o momento em que teve “mais confrontos”. O texto (com muitos erros) é construído sobre uma gramática que une religião

9 Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/brasil-63136759>. Acesso em: 1 jul. 2023.

e guerra, propondo que, ao final do curso, o cristão terá armas para combater o “inimigo”. O próprio título do *e-book* de 221 páginas diz que há uma ameaça a ser combatida: “As 12 armas que a esquerda está apontando para você: Tudo o que você precisa saber para conhecer e combater as armas do *inimigo*” (destaque nosso). O número “12” não é por acaso. Além da importância do sistema duodecimal no Ocidente, o 12 é bastante presente na Bíblia, sendo, principalmente, a medida das tribos de Israel e dos apóstolos de Cristo.

O embate com o “inimigo” que Nikolas assume como missão pode ser lido a partir do conceito de “político” formulado por Carl Schmitt (2008). Para o jurista alemão, existe no par amigo-inimigo uma distinção ontológica, pois nele se evidenciam traços irracionais e violentos já que o oponente representa uma ameaça existencial, o que pode levar à guerra (inclusive com a morte física). Difere, assim, da contraposição objetual que o autor associa à relação estabelecida com o “adversário”, que é regulada pela concorrência e não pela inimizade (Schmitt, 1963 apud Han, 2017).

A contraposição política é a contraposição mais intensa e extrema, e toda dicotomia concreta é tão mais política quanto mais ela se aproxima do ponto extremo, o agrupamento do tipo amigo-inimigo. (Schmitt, 2008, p. 31).

O deputado afirma ter escolhido não ser omissos desde a escola: “[...] quando eu entrei na escola eu já tinha um posicionamento firme com relação aos meus princípios”; e se posicionar contra a “ideologia de gênero e o ativismo LGBT”: “[...] não podia simplesmente lavar as mãos, ali como Pilatos, e deixar que eles fizessem o que quisessem com JESUS CRISTO dentro da minha sala de aula” (Ferreira, 2022, p. 5). Sentindo seu “chamado” desde criança, Nikolas atribui sua entrada na política a algo “natural”, a uma “vocação”, uma missão divina para a qual foi escolhido.

O curso oferece conhecimento tácito sobre o suposto inimigo e certo acolhimento. Denota haver uma comunidade com os mesmos valores, na qual seria possível formar alianças e amizades profundas. A postura de intelectual contrário ao academicismo segue o exemplo de Olavo de Carvalho (Chaloub, 2023), de quem o deputado se mostra discípulo. Figura importante do bolsonarismo, Nikolas se mostra parte de um “núcleo de radicais reacionários”, que “promovem uma ‘guerra cultural’ que vive de prolongar artificialmente o Estado de guerra civil latente no país” (Lynch; Cassimiro, 2022, p. 47).

O texto afirma repetidas vezes que o cristão precisa perder o medo de se posicionar. Ao declarar “Estamos em Guerra”, reforça haver uma ameaça constante aos valores e crenças cristãs, vindas de forças da esquerda que agem por meio de instituições como a

escola, a mídia e a política. Para o parlamentar, existe lá fora “uma plateia que realmente está sedenta de sangue” (Ferreira, 2022, p. 8) para a qual o jovem cristão não pode estar despreparado.

Estamos em guerra! Você vai conhecer o seu inimigo, o socialismo, o comunismo e todo o histórico desse inimigo, a estratégia de ouro da esquerda, o feminismo, a história da esquerda no Brasil (qual o impacto disso para os cristãos?), o aborto, ativista LGBT, ideologia de gênero, doutrinação, criminalidade e muitos outros assuntos. (Ferreira, 2022, p. 10)

Ao criar um antagonismo contra um “inimigo” tão diverso, baseado em uma guerra santa pela defesa de valores ditos cristãos, Nikolas toma por fato que qualquer posicionamento progressista¹⁰ no campo dos costumes e dos direitos civis (a favor da solidariedade social) ou à esquerda do espectro político, mas contrário ao liberalismo econômico, seria anticristão. Normatiza uma guerra em que qualquer reflexão pessoal sobre temas sensíveis se traduz em falta de posicionamento, porque essa precisa existir a priori, por uma crença basilar imutável. Qualquer compreensão diferente torna-se uma doutrinação perigosa, que poria em risco a existência da fé cristã. A exacerbação de uma gramática belicista – que já vem ganhando terreno nas comunidades evangélicas desde a ascensão das correntes neopentecostais – favorece o engajamento nas redes digitais e a criação de uma figura messiânica, em torno da qual, infelizmente, se multiplicam os (de)votos.

3.1 Cristão “posicionado”: religião, anticomunismo e neoliberalismo como armas contra o inimigo

No curso “O Cristão e a Política”, através de 51 vídeos, distribuídos em 11 módulos, e mais 7 bônus, o deputado federal se propõe a ensinar um “método” com o qual os inscritos poderão conhecer a fundo os seus “inimigos”, ou seja, todos aqueles que não forem de direita e extrema direita, conservadores e cumpridores fiéis dos ditames da Bíblia. A forma como o programa do curso¹¹ é organizado demonstra pelo menos quatro grandes eixos que orientam a formação de quem se dispõe a pagar 12 parcelas de R\$ 19,70 (R\$ 236,40) ou R\$ 197,00 à vista, em mais de 9 horas de vídeos.

10 Em sua abordagem sobre a Esquerda e a Direita, Charadeau (2016, p. 36) defende que, apesar das diferenças entre os países, a tendência global é que a esquerda, orientada pela visão de que o homem se impõe à natureza, defende a noção de progresso pelo avanço da igualdade entre os homens. A direita, por sua vez, adota o ponto de vista de que a desigualdade é consubstancial à natureza humana.

11 Os detalhes sobre a estrutura do curso podem ser vistos em: <https://soudestra.com.br/o-cristao-e-a-politica/>. Acesso em: 11 jul. 2023.

Em se tratando de uma guerra, começa com a apresentação do comandante (o próprio Nikolas), mostra o palco do conflito e localiza os soldados amigos, apresenta os responsáveis pela situação que levou à contenda e, por fim, aborda as consequências das ações dos inimigos (socialismo, feminismo, aborto, “ativismo LGBT” ...). O objetivo é que os espectadores se tornem “posicionados” e não tenham medo do “cancelamento”.

Depois do vídeo de apresentação, o assinante passa ao “módulo 01 – Introdução”, com cinco conteúdos. No segundo, o vídeo intitulado “Um pouco da minha história”, Nikolas se apresenta como exemplo, requerendo a empatia dos interlocutores. Ao modo típico das preleções motivacionais, seja de comandantes militares, técnicos esportivos, líderes religiosos ou *coaches*, diz que também passou por “dor” e “sofrimento” quando, buscando se posicionar, colocou-se em confronto com a “doutrinação” e a “manipulação de comportamento” que encontrou na escola e na universidade. Recorrendo à história de Davi, ele toma seu breve histórico de vida para apresentar-se como um guerreiro que lutou várias batalhas, mesmo sendo minoria, e para defender que “valeu a pena se posicionar”.

No módulo seguinte – “Estamos em Guerra” –, o comandante declara taxativamente a existência de uma guerra e defende que, antes de desembocar em um “genocídio físico”, ela precisa ser entendida como um “genocídio cultural”. E esse extermínio está acontecendo através da arte, da cultura e da mídia, por meio de músicas (MPB e funk), filmes, novelas (da TV Globo), seriados e dos veículos jornalísticos em que, segundo Nikolas, os cristãos estão sendo rotulados de “retrógrados”, “caretas”, “homofóbicos”, “preconceituosos”, “intolerantes” e “fascistas”. Tais adjetivos negativos seriam o sinal livre para perseguições, exclusões, silenciamentos e, em tempos de redes sociais *on-line*, de cancelamentos.

Também é neste momento do curso que o deputado federal começa a apresentar mais claramente a bibliografia com a qual constrói sua argumentação, apontando para uma interdiscursividade com ideólogos da extrema direita, como Olavo de Carvalho, de quem foi aluno, e com os expoentes da Escola Austríaca de Economia, numa mistura de libertarianismo e anticomunismo. Do poeta e dramaturgo Hugo Von Hofmannsthal, ele saca a frase “nada está na política de um país sem estar primeiro na sua literatura”, copiando-a de Olavo de Carvalho¹², que recorrentemente usava o austríaco para construir seus aforismos (a respeito das raízes culturais da “infecção moral” e “pequenez moral generalizada”) e críticas à esquerda. Para exemplificar a citação, Nikolas usa “Tropa de Elite”

12 A referência, na verdade, foi copiada de artigos de Carvalho publicados no jornal mineiro *Diário do Comércio* no início da segunda década do século XXI. Os textos podem ser recuperados no site que ele mantinha no endereço <https://olavodecarvalho.org/>

(de 2007, dirigido por José Padilha) para fazer a associação entre Jair Bolsonaro e o personagem principal do filme (Nascimento), já que ambos são capitães. Ao reproduzir o áudio com a fala do militar da ficção – “No Rio de Janeiro, quem quer ser policial tem que escolher: ou se corrompe ou se omite, ou vai pra guerra” –, o deputado deixa subentendido que, ao se candidatar à presidência da República, Bolsonaro tinha decidido partir para o campo de batalha.

A introdução dos autores usados como referência é intercalada com citações bíblicas que reforçam o léxico militarista, seja quando se referem a “guerra” (Provérbios, 21:31 e 20:18), “armadura” (Efésios, 6:10-20) ou “soldados” (2 Timóteo 2:3-4), o que combina o fundamentalismo religioso com a pregação armamentista dos bolsonaristas. O contexto bélico é reforçado também com as imagens que abrem os vídeos, todas cenas de militares em ação, empunhando metralhadoras ou espadas.

Tendo os assinantes entendido que há uma guerra em curso, o módulo 3 é orientado para mostrar o “inimigo” que será enfrentado no campo de batalha, pois ele “tenta, por diversas vezes, ocultar a sua verdadeira face”, suas armas e estratégias. A Marx, o “primeiro inimigo”, é destinado o maior tempo (16 min e 29 s). Baseado no livro *Manifesto comunista*, Nikolas tenta explicar o que considera serem conceitos-chave do autor, como luta de classes, burguesia e proletariado. Na leitura superficial que faz da obra do alemão, o caráter “destrutivo” das propostas de Marx era representado não somente pela luta armada que propunha, mas também através das dez “medidas para tornar um país comunista”¹³.

Ao expô-las, ele as avalia contrastando-as com o que chama de verdades eternas da Bíblia, dizendo que Marx queria aboli-las. A herança, por exemplo, é tomada como bíblica, pois, ao ser deixada para os filhos, representa a continuidade da família. Esta, por sua vez, não seria uma criação da burguesia ou do capitalismo, mas de Deus. Sob seu raciocínio, se os direitos de herança são abolidos, não valeria a pena transmitir valores aos herdeiros. Outra “verdade eterna” que Marx queria suprimir seria a individualidade, à qual Nikolas associa o “cidadão de classe média detentor de propriedades”¹⁴. O deputado, didaticamente, explica:

13 As 10 medidas são propostas como meios “indispensáveis para transformar radicalmente todo o modo de produção [burguês]”, sendo sua aplicação diferente de acordo com cada país. (Marx; Engels, 2005. p. 58.)

14 O deputado não informa, mas a fonte de sua explicação é o Mises Brasil, site do Instituto Ludwig von Mises Brasil (“IMB”), “um *think tank* voltado à produção e à difusão de estudos econômicos e de ciências sociais que promovam os princípios de livre mercado e de uma sociedade livre”. MILTIMORE, Jon. Cinco coisas que Marx queria abolir (além da propriedade privada). **Mises Brasil**, São Paulo, 1 nov. 2017. Disponível em: <https://mises.org.br/article/2794/cinco-coisas-que-marx-queria-abolir-alem-da-propriedade-privada>. Acesso em: 7 jul. 2023.

A individualidade é aquilo que nos diferencia do coletivo. Pense só: se todos nós fôssemos iguais, nós, de fato, não teríamos diferenças. O fato de nós sermos diferentes é que nos torna iguais. Ou seja, quando você acaba com a individualidade, [quando] todos se tornam um coletivo, você de fato acaba com o indivíduo, acaba com seus gostos, suas vontades, suas diferenças. Então, isso é aniquilar basicamente o indivíduo da sociedade [pela visão] comunista. (Ferreira, 2022, acréscimos nossos)

A abolição da luta de classes proposta por Marx seria, segundo Nikolas, a abolição do cristianismo, “uma vez que a luta de classes, para ele, é uma verdade, e que o cristianismo não é uma verdade, mas somente uma dominação da classe dominante”. A intenção do autor alemão de “instaurar o paraíso na Terra” representaria uma reversão dos propósitos de Deus, já que o paraíso “não é pra acontecer de imediato [...] aqui na Terra”, pois se trata de “tentar fazer algo que pertence à vida após a morte aqui agora na Terra”.

[...] E aí [está] a responsabilidade de você compreender que aqui nessa Terra nós temos sofrimentos, dificuldades, que aqui não é o paraíso. Ele [Marx] te vende essa ideia e faz muitas vezes você até perder o verdadeiro paraíso, porque você está querendo alcançar isso aqui na Terra, e agora. (Ferreira, 2022, acréscimos nossos)

Os próximos inimigos a terem suas ideias dissecadas são os expoentes da Escola de Frankfurt, que, mesmo passando, na juventude, pela “influência do judaísmo e do cristianismo”, propunham, “ironicamente”, a destruição de tudo, inclusive das duas religiões. Entretanto, diferentemente de Marx, defendiam não mais o “socialismo de armas”, mas uma “revolução cultural”. E ao invés de uma “filosofia com um caráter utópico”, expressavam uma de “caráter experimental”, baseada em uma “dialética negativa”, cuja influência não se limitou apenas à Alemanha, mas expandiu-se para toda a cultura ocidental, cujas bases, defende Nikolas, foram criadas pelo cristianismo¹⁵. Cita como consequências do livro “Eros e civilização”, de Marcuse, e de “tudo que foi colocado primeiro ali na universidade” nos anos 1960, evocando a sentença de Hofmannsthal, o aumento dos casos de aborto, gravidez precoce, famílias monoparentais e sexualização precoce das crianças nos Estados Unidos.

Gramsci é o terceiro “inimigo” a ser desvendado, principalmente com a abordagem do que o deputado chama de “três teorias”: antes de ganhar o topo é preciso ganhar a base; mas não com uma revolução armada, e sim com uma revolução cultural; e, diferentemente da Escola de Frankfurt, através de uma revolução utópica marcada por três características:

15 A polêmica em torno desse ponto de vista pode ser constatada inclusive na página da Wikipédia “Impacto do cristianismo na civilização”, cuja neutralidade é questionada. Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Impacto_do_cristianismo_na_civiliza%C3%A7%C3%A3o. Acesso em: 9 jul. 2023.

silenciosa, onipresente e invisível. “Ou seja, você não vê, não escuta e ela está em todos os lugares”, complementa. Tal estratégia, implementada através da infiltração em todos os meios de comunicação, o que configura a hegemonia cultural proposta por Gramsci, pode ter seu sucesso atestado, argumenta Nikolas, quando “algumas pessoas [...] se dizem cristãs, mas são de esquerda”. O que ele chama de “apagamento dos resquícios culturais e morais” da sociedade, que leva pessoas que, mesmo tendo lido a Bíblia, são a favor, em alguns casos, do aborto, é consequência da estratégia de “agressão molecular” dos intelectuais orgânicos, que atuam com “doses homeopáticas” sobre o “subconsciente” das pessoas.

Com as armas culturais propostas por Gramsci, a esquerda, através principalmente dos “influenciadores do dia a dia” (como os jornalistas), vai introjetando novos valores, que são representados com imagens que o parlamentar exhibe à medida que fala: sexualização precoce (vídeo do Felipe Neto), associação do Diabo a uma pessoa boa e sexualização das crianças (série “Lúcifer”, da Netflix), introdução da homossexualidade de forma “engraçada e legal”, exaltação do adultério e do divórcio (novelas da Globo), ligação do cristão à homofobia e como contrário à liberdade de expressão nos jornais. Outra consequência é o surgimento de “movimentos destrutivos” como *Black Lives Matter*, feminismo e LGBT (sic). No Brasil atual, Nikolas evoca o exemplo do que seria a crença, pelo ex-deputado federal Jean Wyllys, em um “paraíso gayzista” (“um modelo que impede a criação humana”), expressão com a qual ele associa o movimento gay ao nazismo.

Por último, mas não menos importante, restou falar de Saul Alinsky. Como Nikolas cita o livro do estadunidense, *Rules for Radicals*, primeiro se propõe a explicar a diferença entre conservador e radical.

O conservador quer manter, conservar aquilo que é bom. Ou seja, ele olha pra justiça, igualdade, bondade, a ordem jurídica que nós temos, e quer conservar porque é bom. Ele entende que as mazelas da sociedade somos nós. Já o radical não quer conservar, quer transformar a custo de qualquer coisa. [...] Ou seja, o radical quer fazer uma transformação que, na verdade, é uma destruição a qualquer custo. [...] O radical quer a transformação da sociedade não a partir dele, mas a partir do outro. O outro é sempre o problema (Ferreira, 2022).

O deputado reconhece que o livro de Alinsky é um manual “para modificar uma sociedade”, mas baseado na mentira, pois defende que os reais objetivos com suas ações não deveriam ser revelados. O “nihilismo político”, comparado à “dialética negativa” da Escola de Frankfurt, é outra arma de Alinsky para reduzir tudo ao nada, ou, mais especificamente, para destruir qualquer influência dos princípios e valores da cultura

ocidental (valores patrióticos, respeito à autoridade, guardar-se sexualmente para o casamento etc.).

Nikolas rebate o que chama de ódio de Alinsky aos “possuidores” com a seguinte máxima, baseando-se na “maneira muito inteligente” como o ex-marxista David Horowitz defende suas posições liberais conservadoras atuais: “não é uma luta de quem possui e de quem não possui, é uma luta de quem faz e de quem não faz, uma luta de quem age e quem não age. [...] trata-se de uma luta de classes segundo Marx, mas muito mais amplificada. (Ferreira, 2022). Ainda que no Brasil o Estado seja, pela Constituição, laico, de acordo com o que prega o deputado em seu livro e curso, o país seria subjugado totalmente à teonomia.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O medo, afeto político cuja exploração já era aconselhada por Maquiavel, vem sendo mobilizado competentemente pela extrema direita brasileira desde, pelo menos, Junho de 2013, principalmente por meio das redes sociais *on-line*. Embalados pelo ressentimento provocado pelos 13,5 anos de governos do PT, associado ao anticristianismo e ao comunismo, os brasileiros foram colocados uns contra os outros à medida que a disseminação de afetos negativos contribuiu para o esgarçamento das relações políticas e sociais. É desta cultura do medo que bolsonaristas têm tirado muitos dos seus dividendos políticos, e, num movimento de retroalimentação, têm contribuído para sua intensificação.

Nikolas Ferreira é um exemplo deste tipo de liderança, que combina a política com um viés missionário contra a esquerda, pois adota uma perspectiva de pregação embalada no didatismo, ainda que de base rala, de seus conteúdos midiáticos e na performatividade própria das redes sociais *on-line*. E explorando ainda mais o pânico moral, o reforça através do apelo aos sentidos associados ao significante “guerra”. Sob uma série de argumentos falaciosos, promete o que não pode entregar, seja porque lhe falta o cabedal necessário para tratar as obras dos “inimigos” que elegeu ou porque, na verdade, a deturpação intencional das ideias deles seria apenas uma consequência da formulação prévia das suas “verdades”.

Independentemente do caminho escolhido pelo parlamentar bolsonarista, é a partir da mistura dessa leitura míope - capaz, ele acha, de ter revelado as intenções “diabólicas” do marxismo cultural e do comunismo - com o fundamentalismo religioso e com neoliberalismo que ele é levado a reduzir os cristãos a apenas um lado do espectro político - à extrema direita -, mas desde que, como “patriotas do bem”, sejam brancos, religiosos,

heterossexuais, defensores da família tradicional, de Deus, da pátria e da propriedade privada. E para esses mesmos cristãos a quem Nikolas dirige suas prédicas, soldados da guerra da qual ele e outros bolsonaristas dependem para existir politicamente, e para monetizar, não dá para alcançar o paraíso sem antes morrer, fisicamente, mesmo com todas as desigualdades do capitalismo. Aos “não-cristãos” (ou mais precisamente àqueles que defendem ou participam dos movimentos negro, feminista, LGBTQIA+...) só resta queimar no inferno comunista, sob governos de esquerda.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

CAMPOS, Leonildo Silveira. Os “políticos de Cristo”: uma análise do comportamento político de protestantes históricos e pentecostais no Brasil. *In*: Encontro Nacional da Anpocs, 26., 2002, Caxambu. **Anais** [...]. Caxambu: ANPOCS, 2002.

CARVALHO, Olavo de. **A nova era e a revolução cultural**. Campinas: Vide Editorial, 2014.

CHALOUB, Jorge. Uma obra entre o reacionarismo e o conservadorismo: o pensamento de Olavo de Carvalho. **DoisPontos**, Curitiba, v. 19, n. 2, p. 78-96, 2023. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/doisPontos/article/view/87162>. Acesso em: 2 jul. 2023.

COHEN, Stanley. **Folk devils and moral panics: the creation of the Mods and Rockers**. Abingdon, Oxon; New York: Routledge, 2011.

CUNHA, Christina Vital da. Significado do Termo Neopentecostalismo. **Observatório Evangélico**. 3 jul. 2023. Disponível em: <https://www.observatorioevangelico.org/>. Acesso em: 10 jul. 2023.

DA EMPOLI, Giuliano. **Os engenheiros do caos: como as fake news, às teorias da conspiração e os algoritmos estão sendo utilizados para disseminar ódio, medo e influenciar eleições**. 3. ed. São Paulo: Vestígio, 2019.

FAIRCLOUGH, Norman. **Discurso e mudança social**. Brasília: Editora da UnB, 2001.

FERREIRA, Nikolas. O Cristão e a Política. [S. l.; s. n.], 2022. 1 vídeo (8 min). Disponível em: <https://www.nikolasferreira.com/o-cristao-e-a-politica-org/>. Acesso em: 22 jun. 2023.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006.

HAN, Byung-Chul. **Topologia da violência**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

LYNCH, Christian; CASSIMIRO, Paulo Henrique. **O populismo reacionário: ascensão e legado do bolsonarismo**. São Paulo: Editora Contracorrente, 2022.

MACHADO, Maria das Dores Campos. A vertente evangélica do neoconservadorismo brasileiro. *In*: PÉREZ GUADALUPE, José Luis; CARRANZA, Brenda. (org.). **Novo ativismo político no Brasil**: os evangélicos do Século XXI. Rio de Janeiro: Konrad Adenauer Stiftung, 2020. p. 271-386.

MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. **Manifesto comunista**. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

MIGUEL, Luis Felipe. A reemergência da direita brasileira. *In*: SOLANO, Esther (org.). **O ódio como política**: a reinvenção das direitas no Brasil. São Paulo: Boitempo, 2018. (E-book)

MUDDE, Cas; DIAS, Rodolfo Palazzo; SILVA, Rodrigo Orlando. A direita radical populista: uma normalidade patológica. **Em Tese**, Florianópolis, v. 18, n. 2, p. 21-46, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/81320>. Acesso em: 31 ago. 2023.

OLIVEIRA, Daniel. A antítese neopentecostal: o Reverendo Caio Fábio e o movimento de resistência ao neopentecostalismo brasileiro (1991–2018). **Revista Ágora**, Vitória, v. 34, n. 2, p. e-2023340203, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/38237>. Acesso em: 22 set. 2023.

PEREIRA, Eliseu. Teologia do Domínio: uma chave de interpretação da relação evangélico-política do bolsonarismo. **Projeto História**, São Paulo, v. 76, p. 147-173, 2023. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/60331/42102>. Acesso em: 25 jun. 2023.

SCHMITT, Carl. **O conceito do político**: teoria do partisan. Belo Horizonte: Del Rey, 2008.

TEITELBAUM, Benjamin R. **Guerra pela eternidade**: o retorno do Tradicionalismo e a ascensão da direita populista. Campinas, SP: Editora Unicamp, 2020.